



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 3, N. 3, agosto/2022



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 3, N. 3, agosto/2022

Reitoria

Reitora Fátima Maria Fernandes Veras

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Allisson David de Oliveira Martins

Coordenador Curso de Economia UNIFOR / Núcleo de
Pesquisas Econômicas - UNIFOR

Prof. Felipe Bezerra dos Santos

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Nicolino Trompieri Neto

Curso de Economia UNIFOR / Professor

EDIÇÃO

Prof. Wagner Borges

Curso de Jornalismo UNIFOR

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Aldeci Tomaz

Curso de Jornalismo UNIFOR



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 25ª edição do Boletim Econômico inicia com o artigo de opinião assinado por Francisco José Araújo Bezerra, Economista e Diretor de Previdência da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Nordeste, intitulado “**A previdência complementar e o futuro**”. Na sequência da presente edição, o leitor encontrará: um panorama sobre a economia internacional; o resultado das atividades econômicas do Brasil, Nordeste e Ceará, detalhado por setores de produção da economia; a performance do mercado de trabalho; e a balança de comércio exterior do Ceará, Nordeste e Brasil. Na última seção do Boletim, destaque para a evolução das ações das empresas cearenses listadas em bolsas de valores, medida pelo **Índice de Ações Cearenses - IAC do Núcleo de Pesquisas Econômicas da UNIFOR**.

Boa Leitura!

OPINIÃO:

A PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR E O FUTURO

Francisco José Araújo Bezerra *

Já se passaram quase trinta anos desde que o país conseguiu finalmente domar o processo inflacionário crônico e experimentar um período longo de relativa estabilidade econômica. Com isso, a possibilidade de realizar planejamento financeiro, seja por parte das empresas, com seus planos de investimentos, seja pelas famílias, com o objetivo de conquistar sonhos, foi resgatada. O planejamento financeiro individual ou familiar se personifica muito fortemente naquilo que convencionamos denominar de poupança previdenciária.

A previdência no Brasil, como de resto na quase totalidade dos países, se divide em dois grandes ramos. De um lado, a previdência social, de caráter público e universal, com o Regime Próprio da União e dos Entes Federados, voltado ao atendimento dos servidores públicos e o Regime Geral, para o restante da classe trabalhadora. De outro lado, a Previdência Complementar, privada e voluntária, que se subdivide em Aberta, disponibilizada ao grande público por Instituições Financeiras diversas, a exemplo de Bancos e Seguradoras, e Fechada, de acesso restrito a quem mantém relações de níveis diversos com patrocinadores ou instituidores de planos de benefícios, porém a regulamentação em torno dessa alternativa tem avançado no sentido de torná-la cada vez mais disponível ao público em geral.

A previdência social caracteriza-se por operar em regime de repartição simples, inexistindo a capitalização dos recursos, implicando em uma espécie de pacto intergeracional, onde os trabalhadores atuais pagam as aposentadorias e pensões dos trabalhadores de ontem, na expectativa de os trabalhadores de amanhã pagarem os seus benefícios.

Na previdência complementar, por sua vez, os recursos são capitalizados e, à exceção dos planos do tipo benefício definido, onde há mutualismo pleno na assunção de riscos, as reservas acumuladas são de caráter individual.

Em grandes números, a previdência complementar aberta e a fechada mais ou menos se equivalem, cada uma ostentando a gestão de patrimônios que superam a marca de R\$1 trilhão. Talvez pelo fato de os poupadores, regra geral, enxergarem os aportes na previdência aberta apenas como mais uma alternativa de investimento, ou mesmo como ferramenta de planejamento sucessório, dado o benefício tributário e a sua não inclusão em processos de inventários, não há no Brasil uma tradição desse segmento em construir produtos efetivamente voltados para a garantia de uma renda estável no período pós-laboral, limitando-se quase exclusivamente aos conhecidos Plano Gerador de Benefício Livre (PGBL) e Vida Gerador de Benefício Livre (VGBL).

Realidade distinta é a da previdência complementar fechada, cuja gênese - em fins dos anos 60, início da década de 70 - já foi com a missão de proporcionar rendas de aposentadoria e pensão a seus participantes e beneficiários. Com isso, desde a origem operou com horizontes de longo prazo, onde os recursos de um participante ficam sob sua gestão por décadas, algo em torno de trinta a trinta e cinco anos de período contributivo, seguido de outro prazo, de magnitude semelhante, de pagamento de benefício.

Nessas condições, os fundos administrados pelas Entidades Fechadas de Previdência Complementar (EFPC) formam, ao lado do FGTS, praticamente as únicas poupanças de longo prazo disponíveis no país, assumindo enorme relevância no financiamento de seu desenvolvimento econômico. Mais ainda, como investidores institucionais, conferem estabilidade ao financiamento da dívida pública, justamente pela sua capacidade de manter os papéis em seu portfólio no longo prazo, garantindo vencimentos adequados para o setor público captar recursos, mormente para projetos de infraestrutura econômica. Também financia enormemente projetos de caráter privado de mais longa maturação, além de prover liquidez aos mercados financeiro e de capitais. Por outro lado, injeta na economia, sob a forma de pagamento de benefícios, mais de R\$60 bilhões/ano, sustentando parte

* Economista e Diretor de Previdência da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Nordeste (BNB).

relevante do consumo das famílias.

Administrando um patrimônio em torno de R\$1,1 trilhão, algo próximo a 13% do PIB do Brasil, a previdência complementar fechada ainda tem um longo caminho a percorrer, se tomarmos como exemplo nações de maior tradição nesse segmento, como Estados Unidos, Canadá, Austrália, Dinamarca e Holanda, onde os ativos geridos pela previdência privada excedem os PIBs dos respectivos países. Para tanto, tem se modernizado, se abrindo a novos mercados e inovando na criação de produtos, não apenas para garantir rendas de aposentadoria ou pensão, mas também para a conquista de sonhos, como viagens, intercâmbio, universidade do filho ou neto, aquisição da casa própria etc.

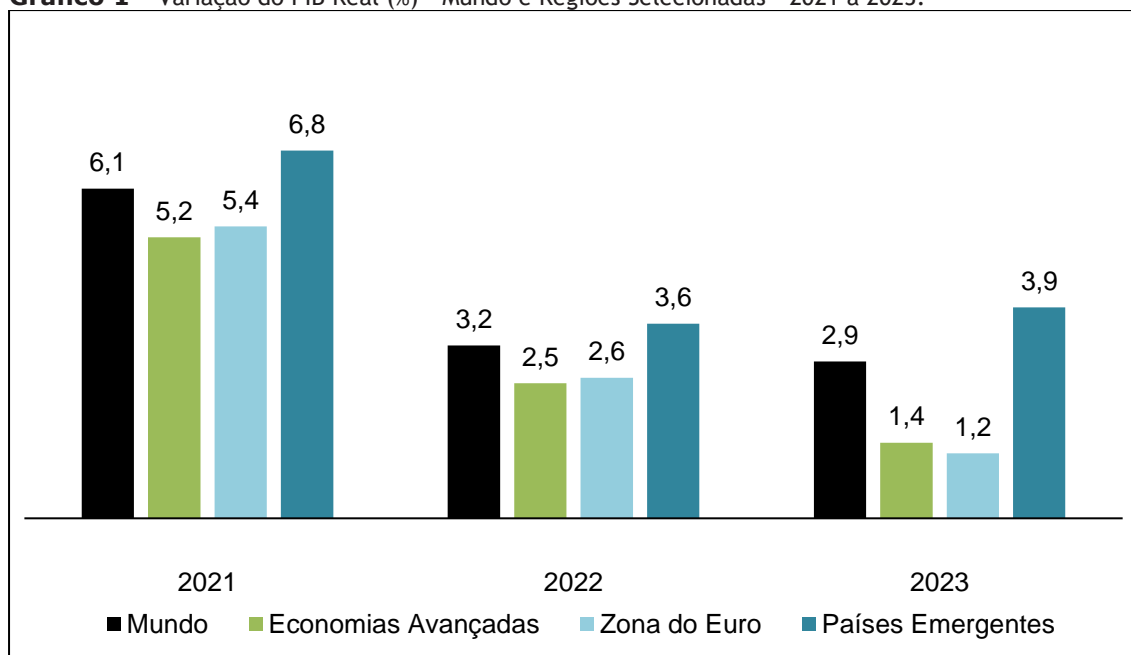
Essa simbiose de ao mesmo tempo contribuir para a estabilidade e o desenvolvimento de um país e para a tranquilidade financeira das pessoas torna, de certa forma, o segmento de previdência complementar uma espécie de GPS onde podemos visualizar a rota futura da nossa sociedade. Que seja uma rota de sucesso!

PANORAMA INTERNACIONAL

O ano de 2022 apresenta uma boa perspectiva de crescimento econômico. Conforme o Gráfico 1 abaixo, os mercados emergentes demonstram uma recuperação do PIB mais acelerada, com crescimento projetado em 3,6%, possuindo maior variação positiva em comparação com a Zona do Euro (2,6%) e o bloco de Economias Avançadas (2,5%). Esses crescimentos resultam em uma expansão da economia mundial na ordem de 3,2%.

Atualmente a recuperação econômica no mundo vem sofrendo desafios causados pelos impactos da política de Covid zero na China, afetando as cadeias globais de produção, bem como os efeitos causados pela guerra Rússia x Ucrânia, gerando uma alta inflacionária global, onde os bancos centrais das maiores economias vêm aumentando as taxas juros para conter a inflação, acarretando numa previsão de menor ritmo de crescimento para a economia mundial em 2023, com um crescimento de 2,9%.

Gráfico 1 - Variação do PIB Real (%) - Mundo e Regiões Seleccionadas - 2021 a 2023.

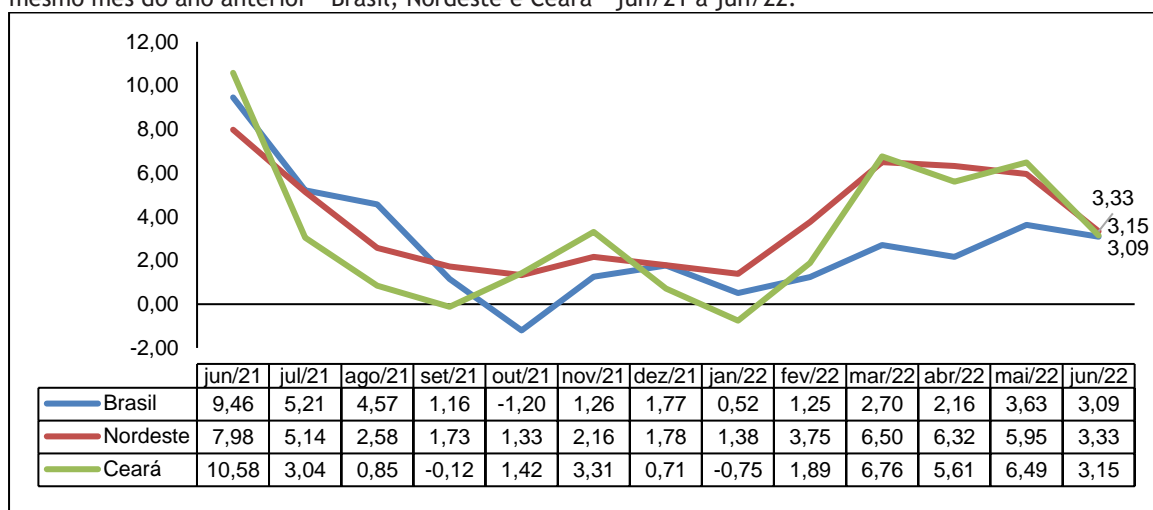


Fonte: FMI. *World Economic Outlook*, julho (2022).

A ATIVIDADE ECONÔMICA NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

O índice de atividade econômica do Banco Central (IBC) registrou um crescimento de 3,09% para o Brasil em junho de 2022, quando comparado com o mesmo período do ano anterior (Gráfico 2). O país vem apresentando uma tendência crescente do IBC desde janeiro de 2022, quando registrou-se uma expansão de apenas 0,52%. No decorrer do ano de 2022, a região Nordeste e o estado do Ceará registraram crescimentos mais intensos do que o Brasil, resultando no mês de junho de 2022, crescimentos de 3,33% e 3,09%, respectivamente. Mesmo com a economia brasileira sofrendo os efeitos da política monetária de aumento de juros para combater o aumento da inflação, ao mesmo tempo, a economia vem se beneficiando do aumento da transferência de renda via reajuste do auxílio Brasil, bem como do aumento das exportações de *commodities*.

Gráfico 2 - Crescimento mensal (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC) - mês contra mesmo mês do ano anterior - Brasil, Nordeste e Ceará - jun/21 a jun/22.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

O Setor Agrícola

Segundo as estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), para o mês de agosto de 2022 (Tabela 1), a produtividade nacional apresentou um crescimento de 0,5%, favorecendo para que a produção total das culturas de soja, feijão, milho e trigo seja em torno de 271,4 milhões de toneladas na safra de 2021/22, refletindo um aumento de 6,2% em relação à safra de 2020/2021. Em relação a área plantada, o Brasil teve um crescimento de 5,8%, sendo 4 milhões de hectares superior a semeada em 2020/21 quando comparado as safras de 21/22 frente a safra de 20/21. Para a região nordeste é estimada uma produção de 27,5 milhões de toneladas para a safra 21/22, refletindo também em um aumento de 16,2% ao colhido em 2020/21. O índice de produtividade da região registra um aumento 7,2% e uma variação na área produtiva positiva de 8,4%. A estimativa da produção total do Ceará é de 748,1 milhões de toneladas para a safra de 21/22, o que corresponde a um aumento de 26,0% em relação a safra de 20/21. A produtividade da produção de grãos cearense, mais uma vez, ficou acima da nacional, registrando um aumento de 27,1%, mesmo com uma retração de área plantada (-0,8%).

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados (*) - safras 2020/21 e 2021/22 (**) - Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/ UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %
Ceará	942,9	934,9	-0,8	629,4	800,2	27,1	593,5	748,1	26,0
Nordeste	8.546,7	9.262,2	8,4	2.773,8	2.973,5	7,2	23.706,6	27.540,8	16,2
Brasil	69.782,6	73.800,0	5,8	3.661,5	3.678,1	0,5	255.506,7	271.447,4	6,2

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

(**) São estimativas geradas pelo Conab em agosto de 2022.

O Setor da Indústria

Segundo os dados do IBGE, apresenta-se na Tabela 2 a variação do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais no Brasil, Nordeste e Ceará no acumulado do ano até junho de 2022. Verifica-se que a indústria de transformação variou de forma negativa no Brasil (-2,1%) em virtude, principalmente, da queda em atividades como: móveis (-19,8%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-14,6%) e Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (-12,1%). Algumas atividades apresentaram resultados positivos, como a de fabricação de Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis (10,3%), Produtos do fumo (6,1%) e Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (5,9%).

Diferentemente do Brasil e Ceará, a região Nordeste apresentou crescimento de 1,1% no volume de produção nas Indústrias de transformação, tendo como destaque a atividade de Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis (30,8%).

Já no Ceará as maiores quedas são decorrentes das atividades confecção de artigos do vestuário (-36%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-29,8%) e acessórios e outros produtos químicos (-15,5%). Enquanto isso destacam-se positivamente a produção de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (7,3%) e bebidas (6,5%).

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais- Brasil, Nordeste e Ceará - Acumulado em 2022⁽¹⁾.

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	-2,1	1,1	-5,1
Produtos alimentícios	0,2	2,0	-7,5
Bebidas	2,9	1,7	6,5
Produtos do fumo	6,1	-	-
Produtos têxteis	-15,3	-19,3	-5,9
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-9,3	-18,0	-36,0
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-1,5	1,1	1,8
Produtos de madeira	-3,3	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	0,8	-5,6	-
Impressão e reprodução de gravações	-5,9	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	10,3	30,8	7,3
Sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	-5,0	-	-
Outros produtos químicos	0,6	-0,2	-15,5
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-9,1	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	-10,0	-7,6	-
Produtos de minerais não-metálicos	-5,2	-2,6	3,5
Metalurgia	-5,4	-21,0	-0,4
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-12,1	-9,7	7,0
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-1,8	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-14,6	-25,1	-29,6
Máquinas e equipamentos	-1,3	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-5,4	-19,0	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	4,5	-	-
Móveis	-19,8	-	-
Produtos diversos	-7,0	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	5,9	-	-
Indústrias extrativas	-3,3	-11,2	-
Indústria geral	-2,2	0,3	-5,1

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2022 a junho/2022 (Base: igual período do ano anterior).

O Setor de Serviços

De acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo IBGE, verifica-se que o setor de serviços no Brasil registrou um crescimento de 8,8% no acumulado do ano até junho de 2022 (Tabela 3). Analisando as atividades e subatividades que constitui o setor, destacam-se as categorias de Serviços prestados às famílias e Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio com expansões de 36,2% e 13,9%, respectivamente.

Analisando os estados que compõe a Tabela 3, observa-se evoluções no volume de serviços do Ceará (+17,6%), Pernambuco (+13,1%) e Bahia (+10,6%) para o acumulado do ano até junho de 2022, onde o destaque positivo nas subatividades estaduais foi Serviços prestados às famílias, com crescimentos de 68,0%, 25,2% e 59,7% na sequência em questão, para o mesmo período de análise. Apenas estado da Bahia registrou queda nas subatividades Serviços de informação e comunicação (-5,3%) e Outros serviços (-15,4%).

O avanço da cobertura vacinal em 2022 proporcionou a redução das restrições sanitárias, beneficiando as atividades econômicas que compõem o setor de serviços, a partir de uma maior circulação de pessoas em bares, restaurantes e eventos de entretenimento, bem como do aumento de viagens de lazer e de negócios, propiciando as atividades de transportes e alojamento.

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado em 2022⁽¹⁾.

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	36,2	68,0	25,2	59,7
Serviços de alojamento e alimentação	38,1	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	26,3	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	3,0	19,5	0,9	-5,3
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	2,8	-	-	-
Telecomunicações	-7,1	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	16,7	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	4,3	-	-	-
Serviços profissionais administrativos e complementares	8,3	9,0	19,9	5,8
Serviços técnico-profissionais	8,0	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	8,5	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	13,9	7,4	15,0	11,8
Transporte terrestre	17,8	-	-	-
Transporte aquaviário	11,6	-	-	-
Transporte aéreo	53,5	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,5	-	-	-
Outros serviços	-4,2	21,1	11,1	-15,4
Total	8,8	17,6	13,1	10,6

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2022 a junho/2022 (Base: igual período do ano anterior).

Nota (2): O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

A Atividade do Comércio

Segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) realizada pelo IBGE, o comércio varejista no Brasil apresentou crescimento de 1,4%. Nos estados nordestinos apresentados na Tabela 4, o destaque positivo é o Ceará com alta de 6,6%, diferentemente de Pernambuco e Bahia, com quedas de -5,0% e -4,0%, respectivamente, no Comércio varejista no geral.

Pernambuco apresentou uma queda significativa no setor de Eletrodomésticos, com uma significativa retração de -23,6% no acumulado. Contudo, destaca-se no Comércio varejista de Pernambuco o segmento de Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (35,4%), fortalecido com o abrandamento da Covid-19.

O estado do Ceará liderou o crescimento na região com resultados positivos nas atividades de Tecidos, Vestuários e Calçados bem como no segmento de Livros, jornais, revistas e papelarias, com altas de 38,4 % e 26,3%, respectivamente. A atividade que em contrapartida teve resultado negativo foi a de móveis com queda de 4,1% em comparação com o mesmo período do ano anterior. O estado da Bahia, por sua vez, teve como destaque o segmento de Tecidos, vestuário e calçados com alta de 23,1% e como ponto negativo a retração de 29,1% no segmento de móveis e de 29,9% no de eletrodomésticos.

No contexto do Comércio Varejista Ampliado, ocorreram variações positivas no Brasil (0,3%) e Ceará (6,1%). No Ceará o destaque fica para o segmento Material de Construção (12,1%). Já Pernambuco e Bahia apresentaram quedas no Comércio Varejista Ampliado de 5,3% e 3,1%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado em 2022⁽¹⁾.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	1,4	6,6	-5,0	-4,0
Combustíveis e lubrificantes	5,0	7,3	2,0	-11,5
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,4	1,4	-7,4	-3,0
Hipermercados e supermercados	0,2	-1,1	-7,5	-1,7
Tecidos, vestuário e calçados	17,2	38,4	8,0	23,1
Móveis e eletrodomésticos	-9,3	2,2	-21,5	-29,1
Móveis	-6,8	-4,1	-15,1	-29,1
Eletrodomésticos	-10,8	4,9	-23,6	-29,9
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	8,4	7,0	4,8	13,4
Livros, jornais, revistas e papelaria	18,4	26,3	11,9	14,9
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	0,7	6,2	35,4	3,4
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-2,8	6,9	-12,8	0,6
Comércio varejista ampliado	0,3	6,1	-5,3	-3,1
Veículos, motocicletas, partes e peças	0,4	3,2	-4,4	-0,7
Material de construção	-7,3	12,1	-13,6	-3,4

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2022 a junho/2022 (Base: igual período do ano anterior).

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) (Tabela 5), os meses de julho a setembro de 2021 se destacam no saldo de emprego, tendo o maior saldo positivo entre admissões e desligamentos a níveis nacional, regional e estadual, sendo explicado pelo efeito da reabertura econômica pós segunda onda da Covid-19. O mês de dezembro de 2021 foi o único mês em que o Brasil tem um saldo negativo (-288,2 mil) e uma variação negativa (- 0,70%) na relação de admissões e desligamentos, seguindo com saldos mensais positivos de janeiro a julho de 2022, tendo em fevereiro como um mês destoante de 2022, devido a um saldo (338 mil) e uma variação (0,83%)

maior em relação ao mês anterior e aos meses subsequentes, resultado beneficiado pela maior cobertura da vacinação na população, ainda que o país estivesse sofrendo com a terceira onda, causada pela variante Ômicron.

Já no Nordeste o saldo entre admissões e desligamentos é positiva ao longo dos meses analisados, as exceções são os meses de dezembro de 2021 (-18,5 mil) e março de 2022 (-12,5 mil). Com os meses de abril (30,5 mil) a junho (51,8 mil) de 2022 registrando saldos crescentes mês a mês. No Ceará os meses de saldo negativo são dezembro de 2021 (-1,8 mil) e janeiro de 2022 (-2,6 mil). Com um crescimento contínuo do saldo de março (2,1 mil) a julho (10,1 mil) de 2022.

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - abril/2021 a abril/2022 ⁽¹⁾.

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Saldo	Var.%(2)	Adm.	Deslig.	Saldo	Var.%(2)	Adm.	Deslig.	Saldo	Var.%(2)
jul/21	1.766,5	1.460,0	306,5	0,78	232,3	179,2	53,1	0,84	44,6	32,8	11,9	1,04
ago/21	1.917,2	1.530,1	387,0	0,98	267,5	181,5	86,0	1,35	49,9	34,4	15,5	1,35
set/21	1.888,8	1.559,9	328,8	0,82	287,6	191,7	95,9	1,49	49,0	35,9	13,1	1,13
out/21	1.838,6	1.588,4	250,2	0,62	247,1	195,4	51,7	0,79	44,6	38,0	6,6	0,56
nov/21	1.857,6	1.546,4	311,2	0,77	245,0	187,9	57,1	0,86	44,8	33,1	11,7	0,99
dez/21	1.476,9	1.765,1	-288,2	-0,70	196,7	215,3	-18,5	-0,28	34,0	35,8	-1,8	-0,15
Jan/22	1.835,2	1.678,6	156,5	0,38	234,6	230,1	4,5	0,07	41,5	44,1	-2,6	-0,22
fev/22	2.069,3	1.731,1	338,2	0,83	254,7	225,9	28,8	0,43	46,8	39,0	7,7	0,65
mar/22	1.988,4	1.896,1	92,3	0,22	247,1	259,6	-12,5	-0,19	45,1	43,0	2,1	0,18
abr/22	1.872,8	1.672,8	200,0	0,48	242,3	211,8	30,5	0,46	41,1	35,9	5,2	0,43
mai/22	1.987,8	1.711,6	276,2	0,67	262,0	213,9	48,1	0,72	45,8	39,1	6,7	0,56
jun/22	1.914,6	1.635,8	278,8	0,67	252,2	200,3	51,8	0,77	46,9	37,0	9,9	0,81
jul/22	1.886,5	1.667,6	218,9	0,52	260,6	211,4	49,2	0,72	48,2	38,1	10,1	0,83
Acumulado do Ano	13.554,6	11.993,7	1.560,9	3,84	1.753,5	1.553,1	200,4	3,02	315,4	276,2	39,1	3,28
Acumulado dos últimos 12 meses	22.533,5	19.983,6	2.549,9	6,42	2.997,5	2.524,8	472,6	7,42	537,7	453,5	84,2	7,35

Fonte: Novo Caged - SEPR/ME. Elaboração: NUPE/UNIFOR

Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2022 e 2021. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Com base nos dados obtidos pelo MDIC/SECEX em relação às estatísticas obtidas do comércio exterior, o Brasil no acumulado do ano de 2022, apresenta um crescimento das exportações (+20,1%) e importações (+31,6%). Ainda quanto ao acumulado do ano, a corrente comercial brasileira cresceu 25,0%, mas com uma variação negativa do saldo comercial (-10,1%), de acordo com a Tabela 6.

Quanto à análise regional, o Nordeste no acumulado do ano apresenta um saldo negativo em milhões de dólares. Em relação às exportações e importações, ambas apresentaram crescimento de 30,7% e 70,0%, respectivamente. A corrente comercial cresceu 52,7%, mas o saldo resultante apresentou uma variação negativa de -210,3%.

Em relação ao Ceará, o Estado registrou no acumulado do ano crescimento nas exportações (9,1%), importações (84,3%) e na corrente comercial (52,7%), porém com uma queda significativa no saldo (-447,3%).

O aumento no preço de alguns itens importados, como fertilizantes e petróleo, ocasionou a redução do superávit da balança comercial em julho. Apesar do recuo no saldo comercial no acumulado do ano, o saldo é o segundo melhor da história para o período, perdendo apenas para o período de janeiro a julho de 2021.

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) - Brasil, Nordeste e Ceará ⁽¹⁾.

País / região e estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%
Brasil								
Julho de 2022	29.953	17,4	24.514	35,2	5.438	-26,3	54.467	24,8
Acumulado do Ano	194.251	20,1	154.361	31,6	39.890	-10,1	348.612	25,0
Acumulado 12 meses	313.380	25,0	256.464	38,0	56.916	-12,3	569.845	30,5
Nordeste								
Julho de 2022	1.144	-2,5	2.291	84,2	-1.146	-1.523,0	3.435	42,1
Acumulado do Ano	8.204	30,7	13.662	70,0	-5.459	-210,3	21.866	52,7
Acumulado 12 meses	13.115	32,6	22.578	79,2	-9.464	-249,7	35.693	58,7
Ceará								
Julho de 2022	251	-23,6	279	37,7	-28	121,8	530	-0,3
Acumulado do Ano	1.574	9,1	3.212	84,3	-1.638	-447,3	4.786	52,7
Acumulado 12 meses	2.870	31,9	5.340	95,3	-2.470	-342,4	8.210	67,2

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Variação do acumulado do Ano de janeiro/2022 a julho/2022 em comparação com o mesmo período de 2021, enquanto a variação do acumulado 12 meses refere-se ao acumulado de junho/2021 a julho/2022 em comparação com o acumulado para o mesmo período anterior.

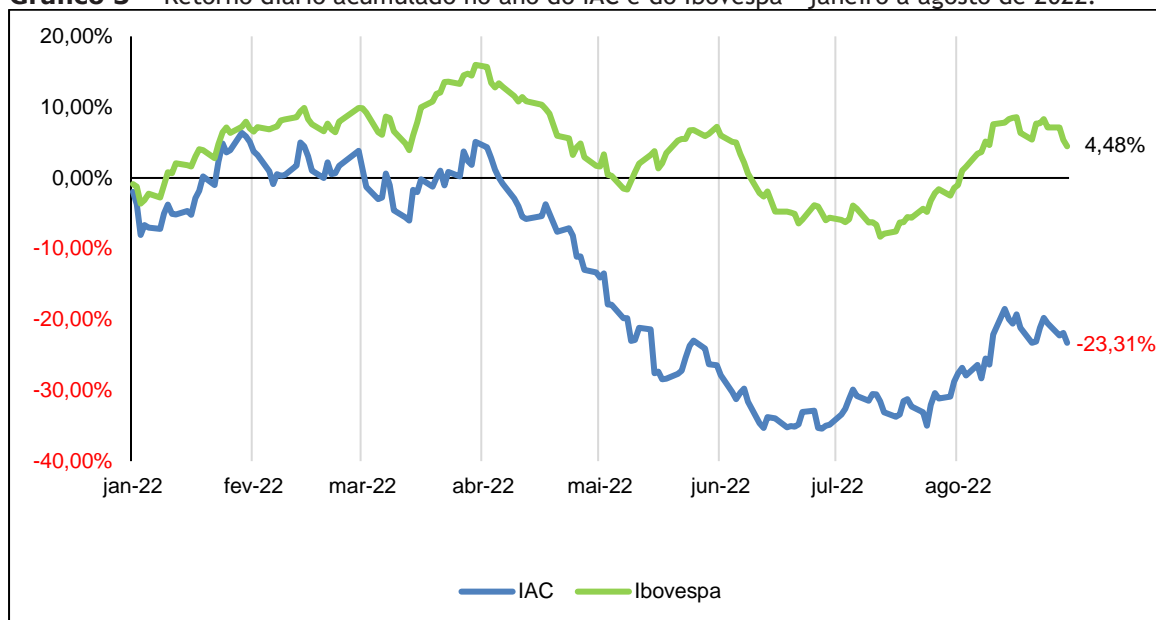
ÍNDICE DE AÇÕES CEARENSES (IAC)

Conforme o Gráfico 3, o Índice de Ações Cearenses (IAC), que mede o comportamento das ações das empresas cearenses registradas em bolsas de valores, acumulou no período de janeiro a agosto de 2022 uma baixa de -23,31%.

O índice Ibovespa, que é o indicador do desempenho médio das cotações das ações negociadas na B3 (Brasil Bolsa Balcão), acumulou nos oito primeiros meses do ano de 2022 uma elevação de +4,48%.

O IAC registrou uma tendência de queda iniciada em abril e finalizando com uma queda acumulada de -35,41% final de junho. Houve uma recuperação em agosto de 2022, ainda assim não sendo suficiente para reverter a queda acumulada até junho de 2022. O Ibovespa atingiu o menor patamar de queda em meados de julho, com um acumulado negativo de -8,3%, porém nos dias seguintes o índice conseguiu reverter o resultado negativo, passando a apresentar retornos positivos a partir de agosto de 2022.

Gráfico 3 – Retorno diário acumulado no ano do IAC e do Ibovespa - janeiro a agosto de 2022.



Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/Unifor.

Conforme a tabela 7, dentre as ações que compõe o índice IAC, a Brisanet (BRIT3) foi o destaque positivo mensal, com um retorno de 39,60%, no qual demonstra uma recuperação mediante a sequência de resultados negativos que vinha obtendo. Além disso, vale ressaltar também a M. Dias Branco (MDIA3), que vem obtendo uma sequência de bons resultados, no qual já acumula um retorno anual de 65,83%, em grande parte por conta da sua estratégia de preços que desencadeou uma expansão de margem, tendo como consequência a apresentação de um Ebitda no segundo trimestre de 2022 bem acima da perspectiva do mercado.

Tabela 7 - Retornos do Ibovespa e das empresas contidas no IAC - agosto de 2022.

Tickers	Retorno mensal (%)	Retorno acumulada no ano (%)	Retorno acumulado dos últimos 12 meses (%)	Participação mensal (%)
Ibovespa	6,16% ▲	4,48% ▲	-7,79% ▼	-
IAC	11,42% ▲	-23,31% ▼	-39,27% ▼	100,00%
BNBR3	22,78% ▲	14,48% ▲	19,3% ▲	6,82%
COCE3	0,00% ▲	0,00% ▲	-10,6% ▼	5,91%
COCE5	-3,81% ▼	-22,53% ▼	-25,0% ▼	4,69%
GRND3	7,15% ▲	-11,68% ▼	-28,5% ▼	8,69%
MDIA3	35,70% ▲	65,83% ▲	33,6% ▲	11,76%
HAPV3	18,18% ▲	-29,87% ▼	-50,5% ▼	35,27%
ARCE	-7,00% ▼	-41,79% ▼	-43,7% ▼	19,60%
PGMN3	13,36% ▲	-45,56% ▼	-58,0% ▼	3,22%
AERI3	-22,67% ▼	-64,58% ▼	-71,0% ▼	2,97%
BRIT3	39,60% ▲	-29,78% ▼	-72,8% ▼	1,09%

Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/UNIFOR.

* Data de referência: 31 de agosto de 2022.

** Retornos ajustados a dividendos e desdobramentos.

A Hapvida (HAPV3), que detém a maior participação em valor no IAC, apresentou uma melhora em relação ao seu retorno anual, sendo evidenciado pelo seu resultado mensal positivo de 18,18%, em decorrência dos seus resultados que demonstraram um crescimento orgânico da companhia por meio do aumento de novos clientes acima das estimativas do mercado, sendo assim, nota-se a capacidade da empresa de continuar entregando um percentual favorável de crescimento sem necessariamente depender do impulso das aquisições.

Autores:

Alysson Inácio de Oliveira
Eric Juca da Silva
Jaylla Maria Saldanha da Silva
José Henrique de Castro
Lucas Nery Albuquerque Aguiar
Marcos Vinicius Moura Coelho
Matheus Soeiro de Holanda Romero Fialho
Pedro Couto de Faria
Tercio Castro Teles
Washington Luis F dos Santos Júnior
Yuri Antonov Lozer Maciel

